

APRESENTAÇÃO

Este número dos Cadernos CERU (v.20, n.1) reúne uma coletânea de artigos que desvenda modelos de representação política, modalidades de práticas e de identidades militantes. Tendo em vista desvelar os sentidos e significados de regimes autoritários e das diferentes práticas de engajamento e militância e, ainda, de comportamentos sociais, os respectivos autores utilizaram, como recorte em suas análises, movimentos, práticas militantes, exercícios de repressão e de autoridade em diferentes espaços do mundo contemporâneo. O enfoque teórico-metodológico, em função da vasta documentação utilizada (narrativas fílmicas, memórias e testemunhos sobre greves e lutas operárias), resultou em artigos riquíssimos que registram interpretações de práticas e de discursos políticos. Sendo assim, o periódico foi dividido em dois blocos de estudos resultados de investigações sobre a temática em questão. O primeiro reúne textos que analisam práticas de repressão, discursos políticos e exercícios de autoridade e de autoritarismo em diferentes contextos. O segundo contempla artigos que analisam estudos sobre as práticas de militância e/ou engajamento político sob a perspectiva do militantismo.

As discussões metodológicas dos artigos do primeiro bloco foram pautadas em diferentes discursos políticos a partir de diferentes linguagens. Com base em análises, as imagens fílmicas são consideradas produtoras de discurso histórico e reúnem representações de diferentes tempos e espaços; assim, o papel dos protagonistas veicula a problemática da realidade estudada. Já as imagens contidas na memória das pessoas revelam os silêncios, discursos e tramas de um momento vivido. Os textos abordam o movimento anarquista no Brasil e a democratização tanto da Espanha como do Brasil no final da década de 1970; o término da ditadura franquista e da ditadura militar brasileira são temas explorados em vários estudos em um campo de poder em que as imagens dos conflitos estão registradas em diferentes linguagens.

Nancy Berthier inicia a discussão do primeiro bloco com um artigo sobre Almodóvar no início da era A Movida. Reforça em seu texto o valor documental dos dois primeiros longa-metragens divulgados comercialmente: *Pepi, Luci e Bom* (1979-1980) e *Labirinto de paixões* (1980). Estando Almodóvar ainda influenciado pelo amadorismo e pelas condições precárias

de produção, as películas foram consideradas “filmes de família” da primeira época da Movida. Nesses dois filmes, o valor documental deve-se, em primeiro lugar, ao modo como os personagens refletem o comportamento da nova sociedade livre, heterogênea e alegre, com base em personagens elaborados como arquétipos. Quase todas as proibições do franquismo são destacadas. A seguir, Gilmar Santana em seu estudo dá continuidade às reflexões sobre Almodóvar, chamando a atenção para a democratização da Espanha no início dos anos de 1980. Assim, Almodóvar e a experiência da Movida à maturidade são temas explorados por Santana. A Movida madrileña, palco do nascimento da obra do cineasta, foi inspiradora de suas imagens, como fator cultural que fez de Madrid o cenário compreensível para o mundo sobre as mudanças da Espanha no momento de sua democratização. O papel da Movida foi de retomar os hábitos da vida pública reprimidos pela ditadura de Francisco Franco.

O artigo “Andrei Rublióv: impressões sobre o tempo/espço”, escrito a quatro mãos por Jerusa Ferreira e Adriano Araújo, é inspirado no longa-metragem *Andrei Rubliov*, obra de Tarkóvski. Ao enfrentar um desencantamento de mundo busca esteio nas peculiaridades da Rússia, na desconfiança de certa tradição literária e artística e aproveita para interrogar a palavra. *Andrei Rublióv* na realidade leva a pensar as relações com regimes autoritários, sejam eles cristãos, socialistas ou capitalistas. Mas, ao mesmo tempo, em sua crítica Tarkóvski quer definir um entendimento sobre os objetivos fundamentais da arte como tal.

O estudo de Elen Döppenschmitt concentra-se na idéia de entender a visão de professores sobre suas próprias “autoridades”, ou seja, em que medida o mestre é um mero reproduzidor social ou compartilha das transformações sociais. A autora utiliza da imagem fílmica *Sociedade dos poetas mortos* como recurso metodológico para a construção de conhecimento escolar, tendo em vista, por meio de relatos orais de profissionais da educação, perceber suas representações diante das diferentes tendências educacionais e as diferentes formas de entender o significado da autoridade do docente.

Maria Dulce Antunes Simões, em seu texto “Movimentos públicos e memórias privadas: silêncios e discursos da guerra civil espanhola”, analisa um caso político ocorrido no município espanhol de Oliva de La Frontera. Nessa localidade do Sudoeste da Espanha constata-se um paradoxo, já que um artigo de Antonio Valero foi recusado para publicação no periódico *Feria de Septiembre*, editado anualmente pelo Ayuntamiento municipal. Ora, essa recusa teve origem na vereança de Oliva de La Frontera, presidida pelo filho de um perseguido da guerra civil franquista que iniciou um movimento de dignificação das vítimas de Franco, o que torna a censura ao texto difícil de explicar. Assim, a autora reflete aqui sobre a recuperação da memória histórica, num “campo de poder” em que surgem conflitos entre diferentes

grupos políticos e sociais, que fizeram a história e detêm sua memória. No texto foi conservada a linguagem original da autora, que é portuguesa, mas escreve, às vezes, em espanhol, por fazer parte de um projeto de pesquisa da Universidad Complutense de Madrid. Suas conclusões mostram que a cultura do medo ainda sobrevive no País, mesmo após tantos anos do término da ditadura franquista. O “discurso apolítico” é, ao mesmo tempo, uma forma de sobrevivência, de legitimação e “consentimento colectivo de um regime aniquilador da cidadania.”

O texto de Doris Accioly e Silva e Luciana Eliza dos Santos, “Caleidoscópio da memória: a educação anarquista redescoberta no Arquivo João Pessoal”, recupera uma época bastante interessante da história brasileira, o início do século XX, quando São Paulo já estava iniciando seu processo de industrialização e o movimento anarquista teve seu auge, trazido principalmente com imigrantes de origem italiana. O artigo divulga alguns dos resultados de um estudo do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo sobre as escolas modernas de orientação anarquista, com base no arquivo de João Penteadado, educador de destaque nesse movimento. Esse arquivo foi aberto ao público recentemente e as autoras, após apresentar a história e o ideário das escolas modernas no Brasil, explicam a forma como tanto o arquivo pessoal como o institucional foram organizados, de modo a facilitar a consulta dos pesquisadores interessados nesse tipo de projeto educacional, que teve em João penteadado um grande expoente.

“Autoritarismo e distensão: o olhar de Raymundo Faoro sobre o processamento da vida política brasileira no final da década de 1970”, de autoria de Maria José de Rezende, expõe de forma ampla as análises de Faoro sobre um momento significativo da ainda recente história política brasileira, que foi o início do processo de democratização ao fim da ditadura militar. Baseada em artigos publicados pelo autor de “Os donos do poder” e em entrevistas que este concedeu em diferentes momentos, aborda seu pensamento sobre essa fase complexa da situação política nacional e suas propostas no sentido de intervenção na vida política por meio da Ordem dos Advogados do Brasil, da qual foi presidente. A ação de Faoro visou contribuir para restaurar a legitimidade e autonomia dos dois poderes da República, subjugados no período ditatorial pelo Executivo. As reflexões de Faoro avançam sobre a década seguinte, mostrando a persistência do autoritarismo no Brasil, mesmo após o término do regime militar.

Os estudos sobre as práticas de militância e/ou engajamento político têm assumido um lugar de destaque na cena acadêmica européia nas duas últimas décadas, o que pode ser atestado pela multiplicação de pesquisas, publicações e reuniões científicas sobre a temática. Dois movimentos são importantes nesse processo: primeiramente, não resta dúvida de que o aumento da produção acadêmica a respeito do que tem se convencionado

denominar de militância foi motivado pelos desafios apresentados tanto pela “pulverização” dos espaços de participação quanto pela diversificação e complexidade nas formas assumidas pela atuação política. Em segundo lugar, pesquisadores de diversas áreas têm empreendido esforços na constituição de problemas e ferramentas analíticas mais ajustadas às novas e múltiplas configurações da experiência de militância. Tendo em vista “lançar luzes” sobre ações coletivas, com diferentes naturezas, que se pautam em questões e são conduzidas por atores, não facilmente identificáveis pelas “lentes” dos analistas dos movimentos políticos ditos “clássicos”, tais como aqueles associados à oposição entre operariado e patronato ou partidos de esquerda e de direita.

Assim, as novas formas de analisar as práticas de militância política tendem a abandonar a polarização entre as abordagens centradas na posição ou no pertencimento de classe como determinante da participação política e as que focalizam o papel das redes de organização e de movimentos sociais como propulsores do surgimento e da continuidade das mobilizações coletivas, e buscam outras chaves teóricas para a compreensão dos processos de engajamento e participação política. Esse esforço redundou na elaboração de quadros explicativos que se sustentam sobre a análise minuciosa de aspectos considerados determinantes e “modeladores” das condições de possibilidade da emergência das práticas de militância. Os artigos reunidos aqui são legítimos representantes desse movimento teórico-metodológico na cena acadêmica brasileira e se debruçam sobre a análise de uma ampla gama de modalidades de militância política, com a utilização de diferentes procedimentos de pesquisa. Sem dúvida alguma um convite instigante aos leitores que pretendem se apropriar dos estudos dessa área ainda em desenvolvimento no Brasil.

O artigo “*Engajamento e militância associativa em Sergipe: modalidades, recursos e itinerários*”, de Ernesto Seidl, por meio de uma pesquisa empírica sobre militantes dirigentes e ex-dirigentes de cinco instituições, cujos espaços de atuação são bastante variados (militância religiosa, sindical, ambientalista, filantrópica e de direitos humanos), realiza um exercício analítico a respeito das práticas de militância que conjuga desde as lógicas individuais, esquemas de percepção e sistemas de retribuição até a objetivação das diferentes formas de composição de carreiras militantes dadas pela combinação de recursos sociais e culturais, que varia de acordo com cada espaço de atuação.

Eliana T. dos Reis, no texto “*Militâncias, alianças e ocupações de cargos político não-eleivos*”, analisa os processos por meio dos quais militantes, que estream sua atuação no movimento estudantil e em organizações clandestinas de esquerda durante o regime militar no Rio Grande do Sul, constituíram determinadas carreiras como “especialização técnico-administrativa” e “especialização militante”. Para tanto, foram examinados os

recursos mobilizados e as “escolhas” efetuadas pelos agentes no decurso das trajetórias tendo em vista as “oportunidades” disponíveis nas diferentes conjunturas, bem como sua tradução em termos de posições sociais, profissionais e política.

Os efeitos da reestruturação das telecomunicações no Brasil, iniciada em meados dos anos 1990, sobre os sindicatos deste setor é o tema central do artigo de Maurício Rombaldi: *“Militantes sob a sombra do presente”*. O processo de privatização das telecomunicações alterou profundamente o eixo homogêneo de negociações sindicato/empresa característico do período estatal, tornando as negociações geograficamente dispersas. Além disso, a nova forma assumida no setor influencia as experiências vivenciadas no trabalho, bem como o perfil dos trabalhadores e novos dirigentes sindicais: agora mais jovens, com maior escolarização, porém com remuneração mais baixa. Na esteira das transformações do trabalho e do perfil dos trabalhadores e sindicalistas, o autor analisa o processo de transformação das práticas de militância sindical numa perspectiva analítica geracional.

O artigo *“O uso da militância política na constituição de espaços de debates filosóficos no Brasil”*, de Daniela Maria Ferreira, examina o uso da militância política na constituição de espaços de debates filosóficos no Brasil, nas décadas de setenta e oitenta. Por meio da reconstituição da trajetória social de um conjunto de filósofos brasileiros, a autora discute como os recursos sociais apreendidos na passagem pela militância política em movimentos de esquerda católica, como a Juventude Secundarista Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP), foram utilizados posteriormente na criação dos departamentos de filosofia das principais universidades do país, de revistas especializadas, de associações e de programas de pós-graduação em filosofia.

No artigo *“Política, Militância Múltipla e Proliferação de Protestos Públicos em Defesa de Causas Ambientais”*, Wilson José Ferreira de Oliveira discute a emergência e às dinâmicas do militantismo ambientalista no Brasil, com ênfase sobre as transformações dos repertórios de ação coletiva e os processos de diversificação das bases sociais do ativismo na defesa de causas ambientais. Tal discussão está pautada em duas pesquisas ainda em andamento: uma, sobre as dinâmicas de fabricação e de utilização de manifestações e protestos públicos na defesa de causas ambientais, outra, sobre os processos de produção da política de expansão do eucalipto no Rio Grande do Sul.

Em *“O Legado da Greve de Perus: lembranças de uma luta operária”*, Soraia Ansara apresenta o legado de uma greve operária que durou sete anos (de 1962-1969) no período da ditadura militar no Brasil, destacando a resistência dos trabalhadores do bairro de Perus, localizado na periferia de São Paulo. A pesquisa analisa a memória coletiva de diferentes gerações

que não viveram o período da greve: netos dos operários, lideranças sindicais e comunitárias atuais. A investigação desse movimento grevista possibilitou à autora desvendar sua significação para a história do bairro como um todo e, principalmente, para a vida das pessoas, influenciando as gerações que se seguiram e transformando-se, inclusive, em princípio ético de novas gerações.

Alessandro Soares da Silva e Renato Barboza apresentam, no artigo “*Exclusão social e Consciência Política: Luta e militância de Transgêneros no ENTLAIDS*”, uma rica discussão a respeito da exclusão social de Transgêneros e o papel da militância política no processo de construção subjetiva da condição de sujeitos políticos. Para tanto, os autores analisam como o ENTLAIDS - Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que Atuam na Luta e Prevenção à AIDS – pôde constituir-se enquanto um espaço privilegiado de militância e formação de consciência política afeita à participação de ações coletivas que visem o enfrentamento da dialética perversa da exclusão/inclusão social entre travestis e transexuais.

“*O ofício como instrumento de militância: o caso dos portuários avulsos de Santos/SP*”, artigo de Carla Regina Mota Alonso Diéguez, trata a militância política como uma ação que pode ser exercida no cotidiano dos trabalhadores não somente por parte de suas lideranças, mas, também por todos aqueles que estão diariamente nas frentes de trabalho. Nesse sentido, os trabalhadores portuários avulsos de Santos e sua noção de ofício são paradigmáticos: o ofício aparece como ponto central nas discussões e como elemento de luta, não apenas pelos sindicatos, mas no próprio exercício diário da profissão, quando o ofício é requerido como forma de distinção e especialização do trabalhador.

Horacio Federico Sívori, autor de “*Identidade sexual e identidade militante: modelos e representação política nas origens do ativismo GLTTB argentino*”, discute - com base em duas biografias militantes, consideradas emblemáticas do período da fundação do hoje chamado movimento GLTTB (gay, lésbico, travesti, transexual e bissexual) argentino - os recursos sociais, intelectuais, militantes e profissionais investidos pelos artífices da conformação inicial desse movimento. A evolução dos modos de representar as identidades homossexuais acionados pelos fundadores ajuda a compreender como estas foram constituídas como foco de demandas de garantias estatais, para dar sustento a atores que hoje mobilizam um repertório de formas de legitimação fundamentado na defesa de direitos.

Por fim, é preciso mencionar a resenha da obra “*A espuma do tempo: memórias do tempo de vésperas*”, de autoria de Daniel Cunha. Trata-se de livro publicado em Portugal por Adriano Moreira, que traz a público reflexões do autor sobre o regime salazarista, ele que foi ministro do Ultramar e introdutor de reformas significativas no sentido da abolição da legislação retrógrada e dominadora em vigor na nação portuguesa, especialmente aquela

referente ao tratamento das colônias ultramarinas. Sua presença à testa desse ministério deu origem a várias críticas tanto de partidários de Salazar como se seus opositores, o que é tratado mais extensamente em sua obra.

Este número da revista Cadernos CERU contou com apoio da Equipe Editorial do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, particularmente gostaríamos de manifestar nossa gratidão aos autores, a nossos colaboradores a que devemos a revisão final dos textos e ainda à Comissão de Credenciamento do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP.

São Paulo, junho de 2009

Célia de Toledo Lucena

Kimi Tomizaki

Maria Christina Siqueira de Souza Campos